

VIII Mostra de Pesquisa



Produzindo História a partir de fontes primárias

Porto Alegre / RS
CORAG - 2010

PAI MONARQUISTA, FILHO REPUBLICANO: PROPAGANDA
REPUBLICANA, ELEIÇÕES E RELAÇÕES FAMILIARES
A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE JOAQUIM FRANCISCO
DE ASSIS BRASIL (1877-1889)

Jonas Moreira Vargas*
Tassiana Maria Parcianello Saccol**

Resumo: Joaquim Francisco de Assis Brasil foi o único deputado eleito pelo Partido Republicano Rio-grandense durante o período monárquico. O presente artigo busca analisar como o mesmo conseguiu eleger-se, assim como a sua atuação na Assembléia Legislativa Provincial. Tal episódio foi importante para fortalecer a propaganda republicana no Rio Grande do Sul, apesar da força dos partidos monárquicos. A análise das atas das eleições e das famílias dos principais propagandistas revela que os republicanos estavam vinculados à elite monárquica por diferentes laços de parentesco, o que acabou auxiliando a vitória de Assis Brasil. Além disso, a partir da sua trajetória é possível perceber que a região da campanha era um forte reduto dos estancieiros conservadores e não somente dos liberais como se costuma afirmar.

Palavras-chave: Assis Brasil – Partido Republicano Rio-grandense – Propaganda republicana – Elite política

Aos 19 dias de janeiro de 1885, o jornal *A Federação*, órgão oficial do Partido Republicano Rio-grandense (PRR), trazia em suas páginas um entusiástico editorial parabenizando o jovem advogado Assis Brasil pela vitória nas eleições provinciais¹. Certamente foi um duro combate. Foram necessários dois pleitos nos fins de 1884 e início de 1885 para consagrá-lo como o primeiro e único deputado eleito pelo PRR ao longo da monarquia. Contando com apenas 27 anos, Joaquim Francisco era natural de São Gabriel, município da região

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. E-mail: jonasmvargas@yahoo.com.br

** Graduanda do curso de História da Universidade Federal de Santa Maria

¹ *A Federação*. 19.01.1885. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

da campanha, cuja base econômica era essencialmente pecuarista. Ainda adolescente, foi fazer os estudos preparatórios em Porto Alegre e mais tarde formou-se em Direito na faculdade de São Paulo. Com o diploma na mão, Assis Brasil retornou para a sua cidade natal, onde abriu banca de advogado e dedicou os próximos anos de sua vida ao Partido Republicano, do qual foi um dos principais líderes².

O autor do empolgante artigo que comemorava a eleição de Assis Brasil era Júlio de Castilhos, seu colega de faculdade em São Paulo, onde o Republicanismo se difundia aceleradamente. Amigos inseparáveis, acabaram tornando-se cunhados, pois Assis Brasil casou-se com a irmã de Júlio. A data escolhida para o matrimônio foi o dia 20 de setembro de 1885, ou seja, nos 50 anos de comemoração do início da Revolução Farroupilha. A memorável Guerra que havia tornado o Rio Grande uma república por quase 10 anos era referência marcante para a mocidade republicana rio-grandense³.

A estréia de Assis Brasil no Parlamento, em novembro de 1885, encheu de orgulho seus correligionários e a notícia correu por todas as províncias onde existiam partidos republicanos. Os defensores da abolição da escravidão, do federalismo, do republicanismo, do sufrágio universal, entre outros, multiplicavam-se em todo o país. Certamente, em poucas épocas na história do Brasil, viveu-se e respirou-se um fluxo de idéias estrangeiras, teorias sociais, projetos e ações políticas tão diversas e intensas como nos anos 1870 e 1880 do século XIX⁴. No entanto, aquela geração que agia em nome de seus ideais não podia romper totalmente com o mundo considerado “arcaico” e que tanto combatiam. Se a monarquia e a escravidão estavam em crise, como os mesmos declaravam, elas eram fundamentais para manter a posição política e econômica de muitos de seus familiares e eleitores, por exemplo. Portanto, ingressar na elite política provincial por vias legais, como Assis Brasil o fez, exigia apoio e conivência com parte das práticas política vigentes, muito embora, no discurso, os mesmos adotassem uma postura mais radical.

O eleitorado republicano era pequeno, oscilando entre 10% e 15% da província, e permaneceu assim até a queda da monarquia⁵. A ênfase na trajetória de Assis

² Os principais dados biográficos sobre Assis Brasil estão presentes em REVERBEL, Carlos. **Assis Brasil**. Porto Alegre: IEL, 1996 e AITA, Carmen. Perfil biográfico de Assis Brasil. In: ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfis Parlamentares: Joaquim Francisco de Assis Brasil**. Porto Alegre: ALRS, 2006, p. 17-207.

³ Tamaña importância resultou num livro, *A História da República Rio-grandense*, publicado por Assis Brasil sob encomenda do *Club 20 de setembro* – que reunia rio-grandenses que estudavam direito em São Paulo.

⁴ Ver, por exemplo, ALONSO, Ângela. **Idéias em movimento: a Geração de 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

⁵ É bem verdade que nas eleições gerais de agosto de 1889, os liberais preencheram todas as cadeiras e os conservadores foram pela primeira vez ultrapassados pelos republicanos, que ficaram em segundo lugar. Entretanto, tal façanha foi consequência da enorme conversão de saquaremas para as hostes do PRR, após o Partido Liberal ter subido ao poder em julho e da nomeação de Silveira Martins para presidente da província.

Brasil e na análise das eleições que o elegeram nos ajuda a iluminar a história do próprio PRR, da propaganda republicana e do mundo da política no século XIX. Mas antes disso é preciso compreender como o jovem gabrielense conseguiu eleger-se num forte reduto de estancieiros monarquistas.

I – DAVI CONTRA GOLIAT OU DE COMO ASSIS BRASIL CONSEGUIU VENCER OS LIBERAIS NA REGIÃO DA CAMPANHA

O sucesso de uma candidatura no período monárquico dependia da combinação de uma série de fatores. Os mais importantes eram convencer o eleitorado local e os líderes dos partidos das suas competências e propostas. A livre consulta aos eleitores por meio de palestras individuais e excursões políticas era fundamental, assim como os pedidos de votos através da imprensa. Mas antes disso era necessário conquistar o apoio dos líderes locais e principais chefes do partido que, caso aceitassem, emitiam dezenas de circulares aos eleitores mais influentes aconselhando-os a acolherem às candidaturas. Entretanto, conquistar a confiança dos chefes do partido e dos eleitores não era fácil. Ter um diploma de curso superior e pertencer a uma família tradicional e rica na região eram pré-requisitos importantes. Quanto maiores os vínculos pessoais com os grandes líderes e obviamente a aceitação de sua política, maiores eram as chances. Firmando-se as alianças eleitorais, os estancieiros e demais eleitores empregavam toda a sua clientela local e influência na Guarda Nacional, nos juizados de paz e de direito, na delegacia de Polícia e na Câmara municipal para vencer os pleitos. Como as eleições eram bastante frequentes (praticamente todo ano se votava), as alianças tinham que ser renovadas continuamente, pois os eleitores trocavam de candidatos tornando todo o processo bastante complexo⁶.

Assis Brasil teve a oportunidade de pular ao menos uma etapa deste complexo processo, pois ele constituía-se num dos principais chefes do PRR, ou seja, não precisava conquistar a aceitação dos mesmos. Entretanto, teve que legitimar tal liderança entre seus pares e a mesma foi conquistada intelectualmente desde a época em que era estudante de Direito⁷. A primeira vez que Assis Brasil concorreu

⁶ Ver, por exemplo, GRAHAM, Richard. **Clientelismo e Política no Brasil do Século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. Para a dinâmica no Rio Grande do Sul, com muitos exemplos, ver VARGAS, Jonas Moreira. *Os políticos de aldeia: eleições, negociações e prática política nas paróquias do Rio Grande do Sul (1868-1889)*. In: **VI Mostra de Pesquisa do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CORAG, 2008, p. 39-57.

⁷ É necessário lembrar que por trás da fundação do PRR, em 1882, não estavam somente os jovens estudantes como Assis Brasil e Júlio de Castilhos. O Partido apenas agregou republicanos espalhados esparsamente em “clubes” municipais e trouxe para o seu interior antigos e insistentes militantes, como Venâncio Ayres e Apolinário Porto Alegre, entre outros. Entretanto, ninguém pode negar que os jovens bacharéis egressos de São Paulo renovaram as bases ideológicas do Republicanismo rio-grandense, pois os mesmos auxiliaram na difusão de idéias intencionalmente debatidas entre os políticos e intelectuais paulistas, como o positivismo e o evolucionismo, entre outros.

às eleições provinciais foi em dezembro de 1883⁸. A Assembléia Legislativa reunia 30 deputados, sendo 5 para cada um dos 6 círculos eleitorais em que o território do Rio Grande do Sul estava dividido e cada eleitor votava em apenas um candidato. O 3º círculo, pelo qual Assis Brasil concorria, estava composto pelos municípios de Alegrete, Quaraí, Itaqui, São Gabriel, Santo Ângelo, São Luís Gonzaga, Rosário, São Borja, Santiago, São Vicente, São Francisco de Assis e Uruguaiana. Sua estréia foi decepcionante, pois os pleitos resultaram numa vitória esmagadora do Major Geraldo de Faria Corrêa (liberal) que recebeu 592 votos em toda a região contra 72 de Assis Brasil, que ficou em segundo lugar⁹.

Para ampliar os votos do partido, a estratégia seria intensificar a propaganda pela imprensa e negociar o apoio de estancieiros da região. Em janeiro de 1884, os republicanos fundaram o jornal *A Federação*, e Venâncio Ayres assumiu a chefia da redação. Uma nova batalha estava marcada para dezembro de 1884, nas eleições provinciais. O resultado das urnas foi o seguinte: Egídio Barbosa Itaqui (384), Severino Ribeiro (361), Propício Barreto (331), Francisco Azevedo e Souza (319), Assis Brasil (277), Eduardo Lima (52) e Jayme Couto (03)¹⁰. A Lei mandava considerar eleitos somente os deputados que atingissem o quociente eleitoral. Portanto, o liberal Egídio e o conservador Severino receberam seus diplomas de deputados e os outros foram alçados ao 2º escrutínio, onde somente três candidatos poderiam tornar-se deputados.

No dia 12 de janeiro de 1885, nas diferentes paróquias do 3º círculo, os eleitores foram mais uma vez escolher os outros três deputados da região. Como Egídio e Severino já estavam eleitos, aqueles eleitores que votaram em ambos teriam que escolher novos candidatos para deputado. Abria-se, assim, uma brecha para todo e qualquer tipo de negociação. Desta vez o resultado foi o seguinte: Francisco Aze-

⁸ Nesta ocasião, as eleições foram organizadas para eleger somente um deputado, pois uma cadeira havia ficado vaga na Assembléia Provincial.

⁹ Livros de Registros Diversos, Primeiro Tabelionato de Alegrete, Fundo 2, Estante 24, 1881-1890 (APERS). Os conservadores parecerem ter agido em abstenção. Os resultados das eleições no 3º círculo citado daqui em diante estão contidos nos mesmos livros.

¹⁰ Egídio Barbosa Itaqui era advogado na cidade que adotou como sobrenome e membro do Partido Liberal na região. Severino Ribeiro também era advogado em Alegrete. Neto de Banto Manoel Ribeiro, foi o um dos políticos mais influentes na região da campanha e chefe conservador de enorme prestígio. Francisco de Azevedo e Souza também era conservador e pertencia a uma família de ricos charqueadores pelotenses. Propício Pinto era proprietário em São Gabriel e representante liberal do município. Eduardo Lima também era advogado em Itaqui, mas seu posicionamento em 1885 é uma incógnita. Pertenceu ao PRR em 1882 e neste ano foi candidato no 3º círculo. Mas em 1884, perdeu esta posição para Assis Brasil e é provável que tenha rompido com o partido e concorrido como dissidente, algo não raro na época. Também é possível que tenha feito alianças com os liberais, pois parece ter recebido muitos votos deles no 2º escrutínio.

vedo e Souza (549), Propício Barreto (517), Assis Brasil (429), Eduardo Lima (272). Assis Brasil conquistara a última vaga do círculo e estava eleito! Mas como conseguiu ampliar tanto os seus votos em poucos dias?

A historiografia gaúcha costuma mencionar que Assis Brasil elegeu-se com o auxílio dos conservadores, mas demonstraremos tal apoio empiricamente. A quantificação dos votos revela que os eleitores do conservador Severino Ribeiro foram fundamentais na vitória de Assis Brasil. Dos 4 candidatos que passaram para o 2º escrutínio somente Francisco Souza era conservador. Se os 361 eleitores conservadores que votaram em Severino Ribeiro no 1º escrutínio também tivessem votado em Francisco ele teria somado 680 votos, mas não foi isto que ocorreu, pois ele obteve apenas 549. Portanto, 131 conservadores não votaram no candidato do seu próprio partido e decidiram apoiar outro¹¹. Ora, de 277 votos recebidos no 1º escrutínio, Assis Brasil saltou para 429, conseguindo, portanto, o apoio de 157 eleitores em poucos dias. E como sabemos que estes votos foram dados pelos conservadores? Dias depois da apuração, o próprio Assis Brasil admitiu ao escrever para um amigo, esboçando certo desconforto pelo apoio saquarema:

“Os cento e tantos votos que o Severino mandou-me dar não importaram retribuição alguma. Este teve em vista evitar que fossem eleitos dois liberais, preferindo um oposicionista a um governista. Eu nem sequer tive ciência disto, senão nas vésperas da eleição, e nunca dei grande crédito ao que diziam os conservadores, mesmo porque entendi que eles me queriam passar mel pelos beijos”¹².

É importante notar que se estes conservadores tivessem votado em Eduardo Lima, a vitória de Assis Brasil poderia ter naufragado, o que evidencia mais ainda a importância da aliança momentânea¹³. Os liberais, indignados, denunciaram que conservadores e republicanos estavam na verdade trocando votos, pois Severino estaria retribuindo o apoio que havia recebido do PRR nas eleições para deputado geral, alguns dias antes. Nesta ocasião, ele disputou e venceu as eleições contra o liberal Egídio Itaqui. Na carta que Assis Brasil escreveu a Aparício Mariense, ele parecia estar dando satisfações ao mesmo e negou tal negociação: “Se nós tivéssemos protegido o Severino sequer com um terço da votação republicana, o que seria do

¹¹ Também é possível que alguns eleitores que no 1º escrutínio votaram em Francisco, Assis Brasil, Propício e Eduardo tenham alterado seu voto no 2º escrutínio, mas tal ação deve ter sido pouco significativa.

¹² Carta de Assis Brasil a Aparício Mariense. São Gabriel, 29.01.1885 *apud* RAMOS, Eloísa H. Capovilla. **O Partido Republicano Rio-grandense e o poder local no litoral norte do Rio Grande do Sul (1882-1895)**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado. PPG em História - UFRGS, 1990, p. 245-249.

¹³ A maioria dos eleitores que votou no liberal Egídio Itaqui converteu seu apoio ao também liberal Propício Barreto e ao “dissidente” Eduardo Lima, que, por ser advogado em Itaqui, devia possuir eleitores em comum com Egídio.

nosso Itaqui?”. Era um tanto constrangedor que republicanos estivessem votando em líderes saquaremas que defendiam o escravismo, o senado vitalício e o Poder Moderador. Mas ao falar dos correligionários, o próprio Assis Brasil acabou admitindo que “3 votaram no Severino em 1º escrutínio e mais 4 em 2º, para deputado geral, mas por excesso de dedicação ao partido republicano. Erraram, mas não praticaram a infâmia de se deixarem arrastar pelo vil interesse”¹⁴. O fato é que Severino venceu Egídio supostamente com votos republicanos e decidiu retribuir a “gentileza” elegendo Assis Brasil¹⁵.

Mas seriam somente 3 ou 4 eleitores republicanos os que votaram em Severino? Analisando as atas de duas eleições para deputado geral, em 1886, é possível observar não apenas que este número era bem maior, mas também que a aliança entre conservadores e republicanos manteve-se por muito tempo. Na primeira delas, em abril de 1886, novamente o conservador Severino Ribeiro enfrentou o liberal Egídio Itaqui por uma vaga na câmara dos deputados na Corte. Severino venceu, mas faleceu dias depois. Por consequência da fatalidade, novas eleições foram convocadas para setembro, mas desta vez os conservadores, representados pelo Dr. Borges Fortes, foram derrotados pelos liberais que escolheram Francisco Antunes Maciel como candidato¹⁶. A prova de que os republicanos votaram nos conservadores pode ser verificada através do cruzamento das atas eleitorais destas duas eleições com outra realizada no fim do mesmo ano. Examinando as eleições provinciais de dezembro de 1886, quando Assis Brasil foi reeleito, é possível notar que ele venceu todos os outros 8 candidatos monárquicos em dois municípios: São Vicente e São Luís (1º distrito). Em São Vicente, ele obteve 17 dos 19 votos, o que revela que a localidade era um forte reduto do republicanismo¹⁷. Entretanto, nas eleições de abril e setembro, em que o PRR não possuía candidatos concorrendo, como os eleitores de São Vicente se comportaram?

A análise das referidas atas de abril e setembro de 1886 revela que o eleitorado do pequeno município apoiou em massa os conservadores: Severino 38 X 02 Egídio; Borges Fortes 45 X 01 Antunes Maciel. Ou seja, os republicanos de São Vicente empenharam-se bastante para eleger os candidatos saquaremas. Em São Luís, onde

¹⁴ Carta de Assis Brasil a Aparício Mariense. São Gabriel, 29.01.1885 *apud* RAMOS, Eloísa H. Capovilla. Op. Cit.

¹⁵ Apesar disso, os liberais, que eram governistas, deram um jeito de caçar o mandato de Severino na Comissão de Verificação de Poderes na Corte e Egídio acabou assumindo.

¹⁶ Tanto nesta eleição como na anterior, Assis Brasil não atingiu a votação necessária para ser alçado ao 2º escrutínio. Isto revela que quando os cargos principais estavam em jogo (deputado geral e senador), o PRR não tinha muitas chances.

¹⁷ Em 1883, cinco dos seis vereadores de São Vicente eram republicanos. No congresso do PRR do mesmo ano, Assis Brasil participou como representante do município, o que indica as íntimas relações que possuía com o mesmo.

o propagandista Pinheiro Machado era líder político de destaque, aconteceu algo semelhante, embora com menor intensidade. É possível que em outras localidades os republicanos também tenham prestado seu apoio aos conservadores, contrariando o que Assis Brasil argumentou. As explicações do jovem deputado eram coerentes com a decisão dos republicanos na primeira convenção do partido, em fevereiro de 1882. Nesta ocasião, seus líderes estipularam que em todas as localidades os republicanos deveriam concorrer às urnas para eleger seus correligionários, mas “no caso de naufragar no 1º escrutínio”, a ordem era a “abstenção no 2º”. Para o PRR, o 2º escrutínio era “um meio de facilitar essas transações por demais perigosas e nocivas à boa ordem do Partido”¹⁸. Entretanto, como demonstramos, tal prática não foi respeitada.

Tais acordos revelam que os republicanos não estavam “isolados” das lutas faccionais entre os monarquistas. Na prática, não tinha como jogar o jogo eleitoral sem flertar com as regras monárquicas estabelecidas. Assis Brasil foi ainda mais longe. Na longa carta transcrita abaixo, notamos que para aumentar o número de eleitores do PRR, ele orientou os clubes republicanos do 3º círculo a criarem um fundo que arrecadasse dinheiro para fraudar documentos comprobatórios e necessários na qualificação:

“Aqui estou afixando-me para a qualificação. Pretendo meter pelo menos mais 30 eleitores neste município. Na qualificação está o segredo da causa. Não se descuidem lá. Se é preciso eu ir é só avisarem-me. Mas São Borja é o município onde há bons companheiros em maior número: façam tudo por si. É bom desde logo irem organizando uma lista dos cidadãos que se podem qualificar, para que tudo se facilite na ocasião. Tive aqui uma idéia excelente, que espero que dará os melhores resultados. É sabido que há companheiros excelentes que não se podem qualificar por não poderem provar a renda. A minha idéia consiste no modo de arranjar a prova, que é a seguinte: Desde já os clubes das diferentes localidades irão formando por meio de donativos, benefícios, mensalidades, enfim, como melhor puderem, um fundo destinado à qualificação. No mês de agosto deste ano, os correligionários que possuírem terras passarão escrituras no valor de 2 contos de réis aos que tem deficiência de renda. O fundo do clube será empregado no pagamento da siza e da escritura. As propriedades vendidas podem ser as mais insignificantes, marcando-se as divisas, a siza de 2 contos à 140 réis, e, por conseguinte, um conto e quatrocentos dão para 10 eleitores. Destes, muitos já terão escrituras de menor

MONTEIRO, Hiram Ayres. **Venâncio Ayres: o cavaleiro do ideal**. São Paulo: Editora Grill, 1997, p. 322-323. O Partido não condenava o recebimento de votos dos monarquistas, pois isto era visto como um indício de possível conversão do eleitorado. Entretanto, o contrário não era recomendado.

valor, e, nesse caso a que se passar está no que basta para inteirar os 2 contos. Outros poderão pagar por si, senão tudo, ao menos parte. Assim é que não será necessário que os clubes reúnam exatamente os 1.400 réis para fazerem por esta forma 10 eleitores. Temos 10 clubes no círculo; se todos fizerem isto são 100 eleitores que vamos ter de mais, e boa gente, porque está claro que devemos escolher companheiros muito firmes para esta jogada”¹⁹.

O Assis Brasil que escreveu esta carta é o mesmo que, anos antes, condenou a diminuição do número de eleitores implementada pela Lei Saraiva, em 1881. O sufrágio restrito, para ele, concretizava um privilégio e apenas beneficiava algumas classes em detrimento de outras. “A prática do sufrágio censitário é digna do princípio de onde emana. Proposital ou não, o alvo dos governos, estabelecendo as exclusões em massa é corromper mais facilmente o corpo eleitoral. Mais depressa se corrompe e disciplina um pequeno do que um grande número de eleitores (...)”²⁰. Assis Brasil estava correto, mas esqueceu de mencionar que ele poderia ser o principal disciplinador dos eleitores. Na mesma carta, ele destacou como seu plano deveria ser executado: “Tudo se deve fazer em segredo, que é para os adversários não nos imitarem (...). Estas coisas só debes comunicar a bons companheiros (...). A alma do negócio é o segredo”²¹. Concluindo a missiva, Assis Brasil defendeu-se argumentando que não havia nenhuma ilegalidade no procedimento, pois para ele todos possuíam a renda necessária, embora não tivessem como comprová-la. A renda de 200 mil réis anuais de fato era baixa, mas não justifica que as transações de terras forjadas com a finalidade de adquirir comprovantes de rendas não fossem consideradas fraudes.

Portanto, existiam muitas coisas em comum entre monarquistas e republicanos. E o apoio que estes últimos deram aos conservadores, assim como a retribuição saquarema, também poderia ter outra motivação bastante significativa. Severino Ribeiro e Borges Fortes possuíam íntimas ligações com importantes lideranças republicanas por meio do vínculo mais elementar do mundo da política: a própria família.

II – OS FILHOS PRÓDIGOS: PAI MONARQUISTA, FILHO REPUBLICANO

Não apenas Assis Brasil, mas toda a mocidade republicana, por intermédio de seus familiares, estava conectada ao eleitorado de suas respectivas regiões de origem.

¹⁹ Carta de Assis Brasil a Aparício Mariense. São Gabriel, 29.01.1885 *apud* RAMOS, Eloísa H. Capovilla. Op. Cit.

²⁰ ASSIS BRASIL, Joaquim F. de. A República Federal. In: Senado Federal (Org). **A Democracia representativa na República: antologia**. Brasília: Senado Federal, 1998, Ed. Fac-similar, p. 82.

²¹ Carta de Assis Brasil a Aparício Mariense. São Gabriel, 29.01.1885 *apud* RAMOS, Eloísa H. Capovilla. Op. Cit.

Este eleitorado, não é difícil imaginar, era monarquista e votava ou nos liberais ou nos conservadores, únicas possibilidades na década de 1870. Portanto, seus familiares não estavam descolados da elite local, mas sim, profundamente vinculados à mesma, visto que manter um filho estudando em alguma academia do Império era um investimento bastante custoso. A análise de algumas trajetórias é reveladora. Podemos começar por Júlio de Castilhos. Se o pai era um estancieiro de considerável fortuna em São Martinho, “pelo lado materno descendia de família aristocrática”. O avô de Castilhos era o Capitão Fidelis Nepomuceno Prates, grande estancieiro em São Gabriel, que chegou a ajudar financeiramente os rebeldes farrapos e foi deputado na Constituinte da República Rio-grandense. Outros dois parentes também ligavam a família à elite provincial. O primeiro deles foi Dom Feliciano José Rodrigues Prates, primeiro bispo do Rio Grande do Sul e cuja influência política devia ser grande²². O segundo foi Fidêncio Nepomuceno Prates, médico em São Gabriel e deputado provincial entre 1848 e 1859 e geral entre 1853 e 1856. As redes sociais da família de Castilhos estenderam-se até o mundo da Corte quando Fidêncio casou-se com a filha do Barão de Antonina. Este era senador do Império pela província do Paraná e já havia sido deputado em São Paulo, para onde enviava tropas de mulas. O Barão de Antonina era irmão do Barão de Ibicuí, rico estancieiro com terras em Cruz Alta, São Martinho, Palmeira e Santo Ângelo. Ambos os irmãos foram importantes chefes conservadores²³.

Outro exemplo foi José Gomes Pinheiro Machado. Propagandista da região missioneira, era filho de Antônio Pinheiro Machado, advogado renomado em São Paulo e que ao se envolver com a Revolta de 1842, teve que refugiar-se na região serrana do Rio Grande, onde já possuía parentes e negócios com tropas de animais. Fixados em São Luís, os Pinheiro Machado tornaram-se ricos estancieiros. Antônio foi deputado provincial (1858 a 1864) e geral (1864 a 1866) – quando defendeu os progressistas e derrotou Silveira Martins. Os Pinheiro Machado eram parentes dos Oliveira Ayres, família a qual pertencia o também paulista Venâncio Ayres, cunhado de José Gomes, e que contribuiu muito com a propaganda republicana na Província, após ter sido deputado em São Paulo, pelo Partido Conservador.

Vejamos os exemplos dos Abbott e dos Ribeiro de Almeida. Os Abbott eram uma família de estancieiros e médicos com base em São Gabriel e eleitores do Partido Conservador. Fernando e João foram os principais membros da família

²² SOARES, Mozart Pereira Soares. **Júlio de Castilhos**. Porto Alegre: IEL, 1996, p. 9.

²³ Todas as referências aos laços de parentesco envolvendo os indivíduos nobilitados pertencem a CARVALHO, Mário Teixeira de. **Nobiliário Sul-riograndense**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1937.

a aderirem ao republicanismo na década de 1880. Ambos eram cunhados de João Borges Fortes Filho, cujo pai era o grande chefe do Partido Conservador na região da campanha. O Doutor Borges Fortes foi deputado provincial (1850 a 1863; 1869 a 1872 e 1887 a 1888) e geral (1857 a 1860)²⁴. Os Ribeiro de Almeida eram uma família igualmente conservadora com forte influência em Alegrete, Quaraí, Uruguaiana e Livramento, onde possuíam estâncias. Severino Ribeiro foi o chefe político máximo da família, tornando-se deputado provincial (1885-1886) e geral (1877; 1882-1884; 1886). O republicano da família foi seu irmão caçula, Vitorino, que havia sido colega de Assis Brasil e de Castilhos na faculdade de Direito. Ambos eram filhos do Barão de São Borja – comandante de destaque na Guerra do Paraguai e um dos principais chefes conservadores da região da campanha – e netos de Bento Manoel Ribeiro, estancieiro que pegou em armas em 1835, mas passou para o lado legalista por duas vezes. A partir destas linhas é possível considerar que os laços de parentesco devem ter facilitado com que Severino Ribeiro convencesse seus eleitores a votarem no amigo de seu irmão Vitorino, Assis Brasil, e os republicanos retribuíssem apoiando Borges Fortes e o próprio Severino, como demonstramos antes.

Podemos citar outros casos de forma mais resumida. Ramiro Barcellos, por exemplo, era sobrinho do Barão de Viamão, o principal chefe conservador de Cachoeira, e primo de Borges de Medeiros, outro importante propagandista e que, na República, governou o Rio Grande por 25 anos. Joaquim Pereira da Costa era sobrinho e acabou tornando-se genro do Barão de Nonoai, rico estancieiro e importante chefe conservador em Cruz Alta. Joaquim foi colega de Faculdade de Castilhos e ambos acabaram tornando-se cunhados. João Jacintho Mendonça pertencia a uma importante família de charqueadores saquaremas de Pelotas e Demétrio Ribeiro era sobrinho do Barão de Santana do Livramento, antigo líder conservador de Alegrete, mas que por desavenças com os Ribeiro de Almeida tornou-se o principal chefe gasparista da região. Possidônio Cunha era sobrinho do Barão de Corrientes, capitalista e charqueador pelotenses, e Marçal Escobar, neto do poderoso Barão de São Lucas – rico estancieiro são borjense.

Muitos destes propagandistas pertenciam ao “Club 20 de setembro”, que reunia estudantes republicanos rio-grandenses na academia de São Paulo. Examinando a lista dos sócios e pesquisando suas vidas percebemos que outros membros deste grupo também possuíam trajetória semelhante aos citados anteriormente. Alfredo Lobo d’Eça era filho do Barão de Batovi, estancieiro com enorme destaque

²⁴ Além disso, uma das filhas do Doutor Borges Fortes casou-se com Carlos Prates de Castilhos que provavelmente era um parente próximo de Júlio. (CARVALHO, Mário Teixeira. Op. Cit., p. 92).

na campanha do Paraguai e com terras em São Gabriel. Enéias Galvão era filho do Visconde de Maracajú, outro militar que chegou a ser ministro da Guerra, e que era irmão do Barão de Rio Apa, principal repressor da Revolta do Vintém, na Corte. O Barão de Candiota, outro importante estancieiro gabrielense que possuía terras em diversos municípios da região da campanha e que era primo do Senador e Ministro Henrique D'Avila, era pai de José Maria Chagas. E Adolpho Osório era filho do General Osório e Marquês do Herval, principal chefe político do Rio Grande do Sul nos anos 1870.

Outros exemplos poderiam ser dados e Assis Brasil também se encaixa no perfil descrito. Filho do estancieiro Francisco de Assis Brasil, a família era aparentada com os Jobim – conservadores e íntimos do Imperador. Um de seus membros ilustres era o Barão de Cambaí, tio-avô de Assis Brasil e que na juventude foi negociante no Rio de Janeiro e depois se tornou estancieiro em São Gabriel. Irmão da Viscondessa de Sabóia e filho do Senador José Cruz Jobim, o Barão era “senhor de avultados bens de fortuna” e “contribuiu, largamente, para a campanha do Paraguai”²⁵. Na década de 1870, Assis Brasil também se tornou cunhado do estancieiro Antônio de Castro Jobim, casado com sua irmã Felisberta.

Filhos, netos, sobrinhos, em suma, parentes de barões, viscondes e marqueses. Pode-se dizer que a grande maioria destes propagandistas pertencia às famílias mais nobres do Império. Tinham ascendentes conhecidos no mundo da Corte, seja pelos títulos de nobreza, seja pelos altos cargos ocupados, e respiravam a política desde a sua infância. Provenientes de famílias da elite monárquica é possível considerar que sua conversão ao republicanismo tenha acontecido em algum momento de suas vidas, seja na adolescência, nas escolas preparatórias, seja na juventude, já na academia. Esta simples constatação evidencia que ao retornarem para sua terra natal, estes jovens republicanos viam-se como membros de uma extensa parentela de monarquistas. Devido às novas posições políticas trazidas para o interior da família, o relacionamento com seus pais podia tornar-se problemático. Mas por outro lado, caso fosse tolerado, um possível apoio da família nas negociações políticas do filho recém chegado poderia facilitar seus contatos iniciais.

O fato é que o convívio com outros estudantes mais velhos e o contato com novas idéias mexiam com a cabeça dos rapazes. No caso dos rio-grandenses, muitas vezes o calor do republicanismo já era sentido nos estudos preparatórios realizados em Porto Alegre, no Colégio de Fernando Gomes, por exemplo. Este professor era

²⁵ CARVALHO, Mário Teixeira de. Op. Cit., p. 51.

republicano e abolicionista declarado e ensinava a doutrina de Comte aos seus jovens alunos. Freqüentaram suas aulas Júlio de Castilhos, Assis Brasil, Barros Cassal, Ernesto Alves, entre outros²⁶. Posteriormente, nas Escolas Militares ou nas Academias de Medicina e Direito eles tinham contato com as elites de todo o Brasil, suas experiências se renovavam e eles conheciam um caldeirão de idéias, por muitos consideradas subversivas. Um trecho das memórias do abolicionista Joaquim Nabuco ilustra o impacto deste encontro:

“QUANDO ENTREI PARA A ACADEMIA, LEVAVA A MINHA FÉ CATÓLICA VIRGEM; SEMPRE ME RECORDAREI DO ESPANTO, DO DESPREZO, DA COMOÇÃO COM QUE OUVI PELA PRIMEIRA VEZ TRATAR A VIRGEM MARIA EM TOM LIBERTINO; EM POUCO TEMPO, PORÉM, NÃO ME RESTAVA DAQUELA IMAGEM SENÃO PÓ DOURADO DE SAUDADE (...) AS MINHAS IDÉIAS ERAM, ENTRETANTO, UMA MISTURA E UMA CONFUSÃO; HAVIA DE TUDO EM MEU ESPÍRITO. ÁVIDO DE IMPRESSÕES NOVAS, FAZENDO OS MEUS PRIMEIROS CONHECIMENTOS COM OS GRANDES AUTORES, COM OS LIVROS DE PRESTÍGIO, COM AS IDÉIAS LIVRES, TUDO O QUE ERA BRILHANTE, ORIGINAL, HARMONIOSO, ME SEDUZIA E ARREBATAVA POR IGUAL.”²⁷

No Rio Grande do Sul, no fim dos anos 1870 e início dos anos 1880, não era novidade para as elites que a faculdade de Direito de São Paulo estava tornando-se um reduto de jovens rio-grandenses convertidos ao republicanismo. Da turma formada em 1878, retornaram para o Rio Grande os propagandistas José Gomes Pinheiro Machado e Marçal Escobar. Da turma de 1880, foi a vez de Wenceslau Escobar, Alexandre Cassiano do Nascimento e Antônio Pinheiro Machado Júnior. Em 1881, formaram-se Eduardo Lima, Júlio de Castilhos e João Mendonça. Cruzando a lista dos formados nas turmas posteriores com a dos propagandistas, percebemos que a grande maioria dos formados já voltava ao Rio Grande pronta para abastecer as fileiras do PRR. Mas o que os pais monarquistas vinham pensando sobre isto?

Resolvemos construir um gráfico demonstrando o número de rio-grandenses diplomados em Direito a cada ano. Como os anos indicados são os da formatura, devemos considerar que os pais enviaram seus filhos para a academia sempre cinco anos antes da conclusão do curso. O gráfico apresenta quatro momentos em que a elite rio-grandense reduziu o envio dos filhos para São Paulo. Três delas tem nítida

²⁶ RIBEIRO, Célia. **Fernando Gomes: um mestre no século XIX**. Porto Alegre: LP & M, 2008.

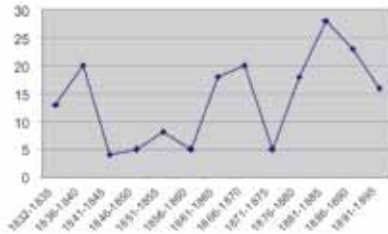
²⁷ NABUCO, Joaquim. **Minha Formação**. Brasília. UnB, 1963, p. 10-11.

vinculação com as épocas em que o Rio Grande do Sul envolveu-se em guerras. A primeira queda brusca nos envios inicia-se em 1842, o que evidencia que a partir de 1837, os rio-grandenses foram cada vez menos estudar na Academia Paulista. A segunda queda inicia-se em 1857, ou seja, cinco anos depois da Guerra contra Oribe e Rosas. Esta queda foi pequena, assim como o impacto da mesma Guerra. A terceira queda, relacionada com a Guerra do Paraguai, foi igualmente brusca como a primeira. Ela inicia-se em 1872 e demonstra que a partir de 1867 os rio-grandenses diminuíram o envio de seus filhos para São Paulo. Estes três ciclos de queda demonstram que as guerras provocaram significativa crise política e econômica e acabaram alterando o projeto de muitas famílias, reduzindo as possibilidades de manterem um filho estudando fora da Província, algo muito custoso. Mas como explicar a enorme diminuição iniciada em 1887?

Não houve nenhuma guerra no início da década de 1880 e nem é possível falar de uma grande crise econômica que inviabilizasse tal investimento familiar. A mencionada crise nas charqueadas é discutível. O número de estabelecimentos saladeris em 1882, por exemplo, era maior que na década anterior e as vendas do produto não caíram tanto²⁸. A população rio-grandense continuou a crescer bastante e as exportações de alimentos da região colonial também aumentavam a cada ano. Nossa hipótese é que um dos motivos pelo qual os rio-grandenses diminuíram o envio de filhos para São Paulo se deu exatamente pela explosão do movimento republicano. As primeiras manifestações de Castilhos e Assis Brasil, a fundação do PRR e a defesa de idéias perigosas, como a abolição da escravidão, por exemplo, deve ter incomodado muitos estancieiros monarquistas e charqueadores fiéis à Coroa. A academia paulista estava se tornando um espaço anti-monárquico e é provável que pais de famílias da elite proprietária não quisessem ver seus filhos convertidos a “tais” doutrinas.

²⁸ O estudo das charqueadas pelotenses constitui-se no tema atual de pesquisa de Jonas Vargas. Resultados parciais podem ser acompanhados em VARGAS, Jonas Moreira. A elite charqueadora de Pelotas (1850-1890): algumas notas sobre as suas estratégias familiares e a transmissão de propriedade. In: GARCIA, Graciela B. (Org.). **Anais do II Encontro do GT de História Agrária (ANPUH-RS)**. Porto Alegre, 2009, CD-ROM, p. 1-20.

Gráfico – Bacharéis em direito rio-grandenses formados em São Paulo (1832-1895)



Fonte: FRANCO, Sérgio da Costa. *Gaúchos na Academia de Direito de São Paulo no século XIX in: Revista Justiça & História*. Porto Alegre: CEMJUG, 2001, pp. 107-129.

Muitas famílias, no Brasil inteiro, devem ter vivido este dilema. Pais monarquistas e filhos republicanos. Pais escravocratas e filhos abolicionistas. Pais excessivamente religiosos e filhos anti-clericais. As famílias se desentendo ou se acertando, em conflitos com diferentes intensidades, muitas vezes dentro da própria casa. Mas para Júlio de Castilhos, Assis Brasil, Pinheiro Machado, Ramiro Barcellos, Vitorino Monteiro, e talvez alguns outros, contornar a vontade paterna não foi problema, pois os mesmos eram órfãos de pai quando foram estudar em São Paulo²⁹. Tal fatalidade pode ter contribuído para favorecer uma militância mais livre de tensões dentro da própria casa. Além disso, ter ficado órfão desde a juventude deve ter exigido dos mesmos uma precoce e constante busca por padrinhos políticos. A ausência da figura paterna trazia dificuldade para muitas coisas, mas acabava abrindo outras portas. Nenhum biógrafo declarou, mas conforme a mãe de Assis Brasil, o mesmo seria encaminhado à carreira da medicina, para a qual possuía “caracterizada vocação”³⁰. Não sabemos se este era seu desejo, mas com a morte do pai, ele acabou indo estudar Direito. O mesmo pode ser dito de Vitorino Ribeiro. O pai enviou-o para estudar na Academia Militar da Corte, mas tendo falecido, em 1877, Vitorino acabou transferindo-se para São Paulo, o que talvez fosse sua verdadeira vontade³¹. Se tais

²⁹ Com exceção de Ramiro, formado em medicina na Corte.

³⁰ Inventário de Francisco de Assis Brasil. Processo 247, maço 12, ano 1872, São Gabriel, Cartório de órfãos e ausentes (APERS), p. 62.

³¹ VARGAS, Jonas Moreira. *Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1868-1889)*. Santa Maria: Editora da UFSM/ Anpuh-RS, 2010.

fatalidades não tivessem ocorrido é provável que a relação de ambos com Castilhos, efetivadas em São Paulo, não tivessem se estreitado tanto.

As relações familiares dentro do mundo da política eram importantes tanto para os monarquistas quanto para os republicanos e tais vínculos acabavam conectando a todos. As alianças eleitorais entre conservadores e republicanos, portanto, também deve ter sido fruto de uma retribuição parental só perceptível quando se analisa a fundo as famílias desta elite. Na região da campanha esta ligação parece ter sido mais forte. Assis Brasil, Fernando Abbott e Vitorino Ribeiro, por exemplo, tinham importantes lideranças conservadoras na própria família, o que pode ter facilitado a aliança partidária e os votos depositados em Assis Brasil. Para muitos, portanto, o ódio familiar contra Silveira Martins e seu séquito já vinha de família, mesmo antes da década de 1870 e foi apenas reatualizado na fase da propaganda republicana e elevada a uma nova etapa na Revolução Federalista (1893-1895). Os inimigos de Gaspar eram bem-vindos nas hostes republicanas. Isto ajuda a explicar porque os parentes do General Osório e todos os liberais expurgados por Silveira Martins foram acolhidos no seio do PRR. Quando Assis Brasil tomou a palavra na sessão parlamentar do dia 8 de dezembro de 1885 e enfrentou Silveira Martins de forma impetuosa é provável que muitos membros da velha guarda saquarema da província, que tanto sofrera nas mãos do intransigente tribuno liberal, estivessem satisfeitos, certos de que fizeram um bom negócio ao apoiar ocasionalmente aquele rapaz de apenas 28 anos.

III – JOAQUIM NA COVA DOS LEÕES: UM REPUBLICANO NO PARLAMENTO PROVINCIAL

As sessões da Assembléia Legislativa provincial duravam pouco mais que dois meses, mas era a oportunidade dos partidos implementarem a sua política. Na leitura dos anais do parlamento é possível perceber que Assis Brasil demonstrou-se bastante ativo na defesa da região da campanha. A hipótese que defendemos é que não apenas os votos conservadores o deram a vitória, mas também a habilidade com que o mesmo preencheu um espaço que estava aberto para novos representantes daquela região. Logo que foi eleito, em janeiro de 1885, ele escreveu ao mesmo Aparício Mariense convidando-o para a convenção do Partido na capital: “Espero que cumpras a palavra que me deste, sendo representante de São Borja. É um passeio que dá a Porto Alegre e com isso aproveitas a ver funcionar a Assembléia, onde já vai tomar parte um republicano”. E na mesma carta deixou clara a insatisfação dos eleitores da fronteira: “Não podemos continuar, nós da

Campanha, a ser representados por gente da capital. É o amor ao partido que exige a tua ida, ou de algum de nossos bons companheiros da”³².

Mas porque “gente da capital”? A insatisfação de Assis Brasil apenas refletia o fato de que muitos candidatos monarquistas que concorriam com ele nas eleições residiam em Porto Alegre. Albino Pinto e Egídio Itaqui, embora fossem naturais da campanha, há muito haviam trocado sua residência para a capital, onde advogavam. O engenheiro Adriano Ribeiro fizera o mesmo. Mas outros concorrentes como José Bittencourt, Francisco Souza e Hemetério Silveira nem da campanha eram e pretendiam representá-la no parlamento. O próprio Silveira Martins e seus seguidores como Joaquim Salgado e Eleuthério de Camargo, constituíam-se em homens que haviam migrado para a capital. O Partido Liberal era forte em Porto Alegre. Em 1882, por pressão dos comerciantes da capital que reclamavam do contrabando na fronteira oeste, Silveira Martins empenhou-se em aprovar no Senado a tarifa especial que favorecia aqueles negociantes, em detrimento dos da campanha. Muito comemorado na capital, Gaspar teve seu retrato exposto na sala de reuniões da Associação Comercial de Porto Alegre³³. Soma-se a isto o fato de que Silveira Martins já nem concorria mais às eleições pelos círculos eleitorais da campanha. Na década de 1880, ele sempre se elegeu pelo 6º círculo, que reunia a região de colonização alemã, além de importantes cidades como Rio Pardo, Santa Maria e Cachoeira.

Assis Brasil, portanto, parecia estar tentando legitimar um discurso onde ele seria o verdadeiro representante da região da campanha. Jamais saberemos o conteúdo de suas conversas pessoais com os eleitores da fronteira, mas é provável que ele estivesse utilizando isto para conseguir votos. As críticas aos deputados monarquistas daquela região já vinham sendo realizadas antes dele, o que deve ter facilitado a sua missão. Anos antes, Wenceslau Escobar, advogado em São Borja, e Propício Barreto Pinto, proprietário em São Gabriel, acusavam o próprio partido que representavam, o liberal, de ter abandonado a campanha. Eleuthério de Camargo, em defesa, tentou contornar a situação, mas não apresentou argumentos capazes de contrariar os dois jovens³⁴. Meses mais tarde, Wenceslau acabou ingressando no PRR. Talvez esta nova agremiação fosse uma saída para aqueles homens da campa-

³² Carta de Assis Brasil a Aparício Mariense. São Gabriel, 29.01.1885 *apud* RAMOS, Eloísa H. C. da Luz. Op. Cit., p. 245-249.

³³ FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre e seu comércio**. Porto Alegre: Associação Comercial de Poa, 1983, p. 78.

³⁴ Anais da Assembléia Legislativa Provincial, sessão de 21 de abril de 1881. Eleuthério dizia que as críticas eram coisas de jovens radicais, mas Antônio Ribas, um velho deputado de Itaqui concordou com eles. Eleuthério admitiu o abandono e concluiu que o Partido não governava por localidades, mas sim pelo crescimento de toda Província, discurso muito comum entre os situacionistas.

nha que estavam descontentes com a administração dos liberais e de sua política para com aquela região. Estes e outros episódios devem ter contribuído para o aumento do eleitorado republicano na campanha. Conforme Eloísa Ramos, a maioria das adesões ao PRR, logo após a sua fundação, em 1882, aconteceu na região da campanha. Em quase todos os municípios eles conseguiram eleger um vereador, sendo que, em Alegrete, assumiram dois³⁵.

Algumas das manifestações de Assis Brasil foram em defesa dos estancieiros daquela região. Favorecendo São Gabriel, por exemplo, ele tentou aumentar sua arrecadação ao propor uma lei obrigando todo o gado vindo da região missioneira para Pelotas a pagar pedágio na ponte recém criada sobre o Vacacar³⁶. Em outro discurso, ele buscou vetar o projeto de lei encaminhado pelos liberais para diminuir o corpo policial na fronteira. Segundo ele, o mal para as estâncias da campanha era exatamente a falta de policiamento. Assis Brasil acrescentava: “Venho de lá do interior da província, onde vejo com os meus olhos (...) o descrédito com que os homens públicos aparecem aos olhos dos nossos patrícios, desiludidos de promessas (...)”³⁷. Em abril de 1886, ele defendeu a criação de gado como a principal fonte de riqueza da província e atacou todos os deputados por não estarem se empenhando na melhoria da atividade pecuária. E ao condenar ambos os partidos monárquicos por este abandono, ele enfatizava: “não falo desta legislatura; refiro-me a todas (...) Pouco se tem feito pelo bem real da província, e pela indústria pastoril particularmente quase nada”³⁸.

Com relação à abolição da escravidão Assis Brasil também foi um parlamentar ativo. No ano de 1886, a única medida legislativa relativa à questão servil foi enviada por ele, que encaminhou uma emenda ao projeto de orçamento das câmaras municipais onde dizia: “de cada individuo que tiver escravos ou libertos, com cláusula

³⁵ A autora acrescenta que nesta região fronteiriça os assinantes d'*A Federação*, jornal oficial do partido, também eram bastante numerosos. Esta inclinação ao republicanismo só poderia significar uma insatisfação com os representantes políticos liberais e conservadores, além de servir como mais um espaço às elites paroquiais alijadas da política local. (RAMOS, Eloísa H. C. da Luz. Op. cit, p. 109-110).

³⁶ Anais da Assembléia Legislativa do RS. Sessão do dia 9 de novembro de 1885.

³⁷ Anais da Assembléia Legislativa do RS. Sessão do dia 20 de novembro de 1885.

³⁸ Anais da Assembléia Legislativa. Sessão do dia 02.04.1886. Assis Brasil, habilmente, estava preenchendo um espaço aberto à “mediação”. Era bom orador e palestrante e, de fato, preocupava-se com os problemas relativos à criação de gado, como demonstram os livros que escreveu já no século XX. Tornara-se, aos 28 anos, um jovem líder político com uma clientela formada a todo custo. Mas buscava ampliá-la e com isto deveria beneficiar a comunidade local, cujos estancieiros eram seus principais chefes. O reconhecimento dos mesmos legitimava a posição de Assis Brasil, que conectava a região da campanha com a capital – centro administrativo da província e da qual os estancieiros esperavam favores e cargos. Mas esta era uma tarefa difícil e muitos cobiçavam o seu posto de mediador político. Para uma reflexão teórico-metodológica do papel do mediador nas sociedades agrárias e pré-industriais ver VARGAS, Jonas Moreira. Op. Cit., 2010.

la de prestação de serviços por mais de três anos se cobrará 50\$000 por cada escravo ou liberto”. A emenda foi vetada pela maioria. Um ano depois, em novembro de 1887, dois deputados propuseram a criação de um imposto de 500\$000 sobre cada escravo que fosse importado em qualquer município rio-grandense. Assis Brasil novamente ofereceu uma emenda, ampliando os impostos a todos os escravos, quer de passagem de um município para outro, quer fixos em um só município, sugerindo o imposto de 100\$000 sobre cada liberto com a condição de servir. Encontrando nova oposição, Assis Brasil retirou sua emenda para não prejudicar a aceitação de todo o projeto. Incansável, o jovem republicano propôs outra emenda juntamente com o liberal Severino Prestes, sob “o imposto de 200\$000 a que ficam sujeitas as cartas de alforria concedidas da data desta lei em diante com a cláusula de serviços por mais de três anos”. Desta vez a emenda foi aprovada e incorporada à lei³⁹.

Assis Brasil vinha-se demonstrando empenhado em representar a região da campanha, mas não conseguiu se reeleger em 1888. É provável que a abolição da escravidão, em maio deste ano, tenha auxiliado no afastamento entre conservadores e republicanos, pois ambos ocupavam posições distintas com relação ao delicado tema⁴⁰. Além disso, a votação que ele obteve no 1º escrutínio de 1884 foi praticamente a mesma que em 1886, o que demonstra que o Partido não havia crescido em quase nada, mas pelo contrário, perdido seu potencial eleitoral, pois em 1888, sua candidatura naufragou. Estaria Assis Brasil afastando-se do seu eleitorado da fronteira? O fato é que nos dois únicos discursos publicados nos Anais para o ano de 1888, ele defendeu interesses de outras regiões. Numa delas, propôs a criação de uma aula pública num distrito rural de Santa Maria. Na outra, ele estava representado “os mais respeitáveis comerciantes e proprietários” de Porto Alegre, e exigindo a restituição total de impostos supostamente cobrados de forma ilegal⁴¹. Ele que tanto criticara os representantes da campanha que estavam vinculadas à capital, agora estava ligado aos ricos negociantes de Porto Alegre.

No entanto, outro fator contribuiu para que o mesmo não fosse eleito. Aprovada em 1887, entrou em vigor no ano seguinte a “lei do terço”, que havia sido abandonada em 1881, mas retornava como salvação para a representação das minorias. Ela exigia que cada eleitor ao invés de votar num candidato, votasse em 2/3 das ca-

³⁹ Em dezembro de 1887, Assis Brasil e Albino Pereira Pinto apresentaram um projeto, logo aprovado, que dispensava “das dívidas provenientes da taxa de escravos os senhores que derem ou deram liberdade incondicional aos escravos sobre os que versaram as dívidas”, bem como as pessoas que desistirem dos serviços dos libertos com cláusula (BAKOS, Margaret Marchiori. **RS: escravismo & abolição**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 63-77).

⁴⁰ Muito embora alguns conservadores tenham participado do movimento abolicionista e outros republicanos fossem mais recosos a cerca da abolição.

⁴¹ Anais da Assembléia Legislativa do RS. Sessões dos dias 29 e 30 de novembro de 1888.

deiras a serem preenchidas, ou seja, cada eleitor votaria em 4 candidatos. Os liberais e conservadores que antes tinham que escolher apenas um candidato do seu partido para votar, agora podiam votar em quatro. A minoria beneficiada acabou sendo a conservadora e os republicanos não elegeram nenhum candidato. É provável que o PRR não estivesse suportando todo o peso de jogar o jogo eleitoral completamente controlado pelos monarquistas. A nova lei foi mais um indício de que o sistema político monárquico precisava ser derrubado. Não foi coincidência que meses depois, em março de 1889, na fazenda da Reserva, eles passaram a aceitar a via revolucionária, muito embora ela ainda não fosse considerada a principal⁴².

IV – ALGUMAS NOTAS CONCLUSIVAS

Costuradas lenta e habilmente ao longo da década de 1880 e em parte herdadas de seus pais e parentes estabelecidos na região, as alianças e relações de amizade que os jovens propagandistas estabeleceram com estancieiros e eleitores foi uma exigência para a sua sobrevivência política. Por serem novatos na cena política, muitas destas ligações tiveram que ser realizadas com lideranças monarquistas ou recém convertidas ao republicanismo. Tanto estas alianças quanto inúmeras dissidências no interior das facções locais eram tomadas de posição conjunturais, sendo que algumas acabavam tornando-se mais duradouras. Mas toda e qualquer transação, sem importar o partido ou credo em questão, tinha como principais protagonistas elementos pertencentes às elites de cada município, fosse no papel de candidatos, fosse no papel de eleitores⁴³. Elites estas formadas por ricos estancieiros, comerciantes, charqueadores, profissionais liberais e empregados públicos civis e militares distribuídos em suas diferentes facções e muitas vezes vinculados por laços de parentesco.

É importante fazermos tal consideração, pois o quadro construído por Celi Pinto ainda mantém-se com significativa importância historiográfica, visto que sínteses mais recentes, como a realizada por Ricardo Pacheco, seguem na íntegra tal

⁴² “Reconhecendo a necessidade de organizar a oposição em qualquer terreno ao futuro terceiro reinado (...) e a necessidade de preparar elementos para, no momento oportuno, garantir o sucesso da revolução, declaramos que temos nomeado nossos amigos, José Gomes Pinheiro Machado, Júlio de Castilhos, Fernando Abbott, Assis Brasil, Ramiro Barcellos e Demétrio Ribeiro para trabalharem para que consiga aqueles fins, empregando livremente os meios que escolherem. Nós juramos não nos deter diante de dificuldade alguma, a não ser o sacrifício inútil de nossos cidadãos. Excluída esta hipótese, só haveremos de parar diante da vitória ou da morte”. PESSOA, Reynaldo Carneiro (Org). **A idéia republicana no Brasil através de documentos**. São Paulo: Alfa-ômega, 1973, p. 93.

⁴³ Com isto não estamos querendo dizer que as camadas subalternas da sociedade e pequenos e médios estancieiros e comerciantes não tinham participação ativa. Para uma análise mais completa acerca da participação dos mesmos ver VARGAS, Jonas Moreira. Op. Cit., 2010. Em especial o capítulo segundo.

análise. Para Celi Pinto, o perfil dos propagandistas era o de um grupo de indivíduos muito jovens e com uma instrução educacional “excepcional” para a época em que viviam. Em sua grande maioria, eles pertenciam à “classe média urbana” e não estavam envolvidos diretamente nos interesses do grupo dominante da campanha ou das regiões mais pobres do norte da Província. A autora conclui enfatizando que a propaganda republicana foi feita à revelia destes segmentos da sociedade⁴⁴.

Ora, a maioria destas afirmações está equivocada e ao longo do texto foi possível demonstrá-las. As mesmas são tributárias de um tipo de interpretação bastante em voga nos anos 1970, que vinculava, de forma simplista, a história das idéias a um determinismo de classe e geográfico. Primeiramente, a instrução escolar dos políticos monárquicos também era bastante alta. Entre os líderes monarquistas da política provincial, 80% possuíam formação superior. Entre os deputados gerais este índice ultrapassava os 90%, e para os ministros e senadores ele era ainda maior⁴⁵. Segundo, a relação “juventude = republicanismo” deve ser relativizada, pois ela aconteceu justamente porque as academias estavam tornando-se importantes focos de crítica à monarquia e, obviamente, era um reduto de estudantes. Fora dali, e até mesmo naquele espaço, existiam jovens monarquistas e republicanos de idade mais avançada. Terceiro, depois de tudo que foi visto aqui não é possível afirmar que os propagandistas pertencessem a uma “classe média urbana” e sem vínculos com a região da campanha, pois foi exatamente nesta região que o republicanismo cresceu ao ponto de eleger o único deputado do PRR.

A tese de Celi Pinto estava em perfeita sintonia com aqueles autores que buscaram analisar os partidos monárquicos no Segundo Reinado. Todos estes autores insistiam em afirmar que o Partido Liberal era o representante dos interesses dos estancieiros da campanha⁴⁶. Nas páginas escritas até aqui, foi possível perceber que a

⁴⁴ PINTO, Celi Regina Jardim. **Contribuição ao Estudo do Partido Republicano Rio-Grandense**. Porto Alegre, UFRGS. Dissertação de mestrado. PPG – Ciência Política da UFRGS, 1979. O texto referido é o de PACHECO, Ricardo de Aguiar. *Conservadorismo na tradição liberal: movimento republicano (1870-1889)*. In: PICCOLO, Helga e PADOIN, Maria M. **História Geral do Rio Grande do Sul**: Império. Porto Alegre: Editora Méritos, 2007, v. 2, p. 139-153.

⁴⁵ VARGAS, Jonas Moreira. *Op. Cit.*, 2010.

⁴⁶ Como, por exemplo, GUTFREIND, Ieda. **Rio Grande do Sul: 1889-1896. A Proclamação da República e a reação liberal através da sua imprensa**. Dissertação de mestrado. PPG em História da PUCRS, 1979; ISAIÁ, Arthur. **A imprensa liberal rio-grandense e o regime eleitoral do Império: 1878-1889**. Dissertação de mestrado. PPG em História da PUCRS, 1988; ALVES, Francisco das Neves. **O Discurso político partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPG em História da PUCRS, 1998; CARNEIRO, Newton Luis Garcia. **A identidade inacabada: o regionalismo políticos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000; TARGA, Luiz R. (org). **Gaúchos e Paulistas: dez escritos de história regional comparada**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1996, p. 81-92; KLIEMANN, Luíza H. Schmitz. **RS: Terra & Poder**. História da Questão Agrária. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986; TRINDADE, Helgio & NOLL, Maria Izabel. **Rio Grande da América do Sul: Partidos e eleições (1823-1990)**. Porto Alegre: EDUFRGS/Sulina, 1991; PESAVENTO, Sandra. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, 8.a edição; FONSECA, Pedro Dutra. **Economia e conflitos políticos na República Velha**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983; FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, Borgismo e cooptação política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987; FRANCO, Sérgio da Costa. **Julio de Castilhos e sua época**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1996.

campanha estava repleta de conservadores. Sem estes, Assis Brasil não teria sido eleito. Na realidade, na década de 1880, os conservadores venceram muitas eleições para deputado geral e provincial no 3º círculo – o coração da campanha⁴⁷. Tal esquematismo é tributário do antigo mito do gaúcho amante da liberdade, farrroupilha quase que por natureza, seguidor de Silveira Martins, guerreiro e, que logicamente, não teria outra posição política a não ser votar nos liberais. É interessante que esta mesma raiz farrapa também serviu para Assis Brasil naturalizar o republicanismo entre os rio-grandenses⁴⁸. A memória da Guerra acabou sendo disputada por liberais e republicanos. O preço de tais interpretações foi pago pelos legalistas e conservadores que caíram num secular ostracismo historiográfico, pois nenhuma pesquisa buscou investigar de forma profunda os saquaremas da província. Entretanto, não havia nada que impedisse um estancieiro de ser conservador, nem mesmo em nível discursivo⁴⁹.

Este esquematismo teve forte influência sobre a vinculação que se fez entre o movimento abolicionista e a participação do PRR, por exemplo. Margareth Bakos afirmou que se para os castilhistas, que se baseavam ampla e profundamente nos fundamentos de Comte, a posição tomada era a de abolição imediata e sem indenização, a posição de Assis Brasil e Ramiro Barcellos na Assembléia mostrava um outro caminho a ser seguido. Sua atuação se deu no sentido de propor emendas e projetos que onerassem a posse de escravos e nesse sentido, dificultassem a continuação da instituição escravocrata. Bakos argumentou que as posições de Assis e Ramiro foram conseqüência destes serem grandes proprietários de terra, enquanto os “representantes padrão do partido republicano provincial”, eram pertencentes em sua maioria ao “setor médio urbano”⁵⁰. Ora, cremos que a posição de Assis Brasil deve ser compreendida na medida em que ele sabia que um projeto mais radical evidentemente seria vetado na Assembléia, assim como outras propostas dele já haviam sido. Além disso, ele não podia desagradar seu eleitorado da região da campanha, onde a ausência de mão-de-obra já vinha sendo sentida há anos⁵¹. Sua defesa a favor da abolição se deu, ainda que de forma mais gradual, onerando a posse de escravos, ou seja, da forma que era possível dentro da Assembléia.

⁴⁷ Mesmo antes disso, Severino Ribeiro acumulou mandatos para deputado geral no círculo. Durante a época em que os liberais estiveram no poder (1878-1885), Severino venceu-os por duas vezes, exatamente na região em que se diz que os liberais eram imbatíveis.

⁴⁸ Ver, por exemplo, GRIJÓ, Luiz Alberto. *Articuladores do Partido Republicano se apropriam da “Revolução”*. Artigo apresentado como Comunicação no VI Encontro Estadual de História da ANPUH/RS. Passo Fundo, 2002. dat.

⁴⁹ Para uma análise mais aprofundada do perfil sócio-econômico dos conservadores no Rio Grande do Sul, ver VARGAS, Jonas Moreira. Op. Cit., 2010.

⁵⁰ BAKOS, Margareth. Op. Cit., p. 63-77.

⁵¹ FARINATTI, Luis Augusto. *Confins Meridionais: Famílias de Elite e Sociedade Agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PPG em História Social do IFCS-UFRJ, 2007.

Portanto, os partidos monárquicos não eram partidos classistas e nem se pretendiam como tal. Todos os setores sócio-econômicos estavam representados nas três agremiações políticas da província, com possíveis variações que respeitavam conjunturas específicas e peculiaridades regionais. Existiam importantes lideranças liberais entre os setores médios urbanos, estancieiros republicanos sem educação superior e conservadores mandando e desmandando na região da campanha. O descaso para com a composição social dos membros dos partidos monárquicos é consequência de uma história política somente preocupada com as idéias defendidas pelos partidos monárquicos, construídas a partir da leitura dos editoriais de imprensa, dos anais da Assembléia Legislativa e dos programas partidários⁵². Mas todas estas pesquisas possuem seus méritos e, a partir delas, podemos afirmar que a principal diferença entre republicanos e monarquistas estava no terreno ideológico e não no sócio-econômico e geográfico. Em alguns momentos podia haver uma concentração de votos num partido em uma determinada região, mas estes fenômenos conjunturais não podem ser essencializados e a busca da sua contrapartida enriquece ainda mais o panorama político do oitocentos. Novas pesquisas devem ser realizadas para deixar mais nítidas as aproximações e os afastamentos entre republicanos e monarquistas, levando em conta suas incoerências e sem mitificar nenhum dos seus líderes. A partir do que foi exposto aqui, as alianças e conflitos ocorridos entre a Proclamação da República e a Revolução Federalista, por exemplo, podem ser revistos e contados sob outro ponto de vista.

⁵² Como as pesquisas de PICCOLO, Helga. **A Política Rio-Grandense no II Império (1868-1882)**. Porto Alegre: UFRGS, 1974; CARNEIRO, Newton. Op cit.

FONTES

Anais da Assembléia Legislativa Provincial. Anos de 1885, 1886, 1887 e 1888. Biblioteca do Solar dos Câmara – ALRS.

Jornal *A Federação*. Edição de 19.01.1885. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Inventário de Francisco de Assis Brasil. Processo 247, maço 12, ano 1872, São Gabriel, Cartório de órfãos e ausentes (APERS).

Livros de Registros Diversos, Primeiro Tabelionato de Alegrete, Fundo 2, Estante 24, Livros 8 ao 13, 1881-1890 (APERS)

BIBLIOGRAFIA

AITA, Carmen. *Perfil biográfico de Assis Brasil*. In: ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfis Parlamentares: Joaquim Francisco de Assis Brasil**. Porto Alegre: ALRS, 2006, p. 17-207.

ALONSO, Ângela. **Idéias em movimento: a Geração de 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALVES, Francisco das Neves. **O Discurso político partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPG em História da PUCRS, 1998.

ASSIS BRASIL, Joaquim F. de. *A República Federal*. In: Senado Federal (Org.). **A Democracia representativa na República: antologia**. Brasília: Senado Federal, 1998, Ed. Fac-similar.

BAKOS, Margaret Marchiori. **RS: escravismo & abolição**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

CARNEIRO, Newton Luis Garcia. **A identidade inacabada: o regionalismo políticos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

CARVALHO, Mário Teixeira de. **Nobiliário Sul-riograndense**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1937.

FARINATTI, Luis Augusto. **Confins Meridionais: Famílias de Elite e Sociedade Agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865)**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PPG em História Social do IFCS-UFRJ, 2007.

FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, Borgismo e cooptação política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre e seu comércio**. Porto Alegre: Associação Comercial de Poa, 1983.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Julio de Castilhos e sua época**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1996.

FRANCO, Sérgio da Costa. Gaúchos na Academia de Direito de São Paulo no século XIX. In: **Revista Justiça & História**. Porto Alegre: CEMJUG, 2001, pp. 107-129.

FONSECA, Pedro Dutra. **Economia e conflitos políticos na República Velha**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

GRAHAM, Richard. **Clientelismo e Política no Brasil do Século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

GRIJÓ, Luiz Alberto. *Articuladores do Partido Republicano se apropriam da "Revolução"*. Artigo apresentado como Comunicação no **VI Encontro Estadual de História da ANPUH/RS**. Passo Fundo, 2002. dat.

GUTFREIND, Ieda. **Rio Grande do Sul: 1889-1896. A Proclamação da República e a reação liberal através da sua imprensa**. Dissertação de mestrado. PPG em História da PUCRS, 1979.

ISAIA, Arthur. **A imprensa liberal rio-grandense e o regime eleitoral do Império: 1878-1889**. Dissertação de mestrado. PPG em História da PUCRS, 1988.

KLIEMANN, Luíza H. Schmitz. **RS: Terra & Poder. História da Questão Agrária**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. TRINDADE, Helgio & NOLL, Maria Izabel. **Rio Grande da América do Sul: Partidos e eleições (1823-1990)**. Porto Alegre: EDUFRGS/Sulina, 1991.

MONTEIRO, Hiram Ayres. **Venâncio Ayres: o cavaleiro do ideal**. São Paulo: Editora Grill, 1997.

NABUCO, Joaquim. **Minha Formação**. Brasília. UnB, 1963.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Conservadorismo na tradição liberal: movimento republicano (1870-1889). In: PICCOLO, Helga e PADOIN, Maria M. **História Geral do Rio Grande do Sul: Império**. Porto Alegre: Editora Méritos, 2007, v. 2, p. 139-153.

PESAVENTO, Sandra. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

- PESSOA, Reynaldo Carneiro (Org.). **A idéia republicana no Brasil através de documentos**. São Paulo: Alfa-ômega, 1973.
- PICCOLO, Helga. **A Política Rio-Grandense no II Império (1868-1882)**. Porto Alegre: UFRGS, 1974.
- PINTO, Celi Regina Jardim. **Contribuição ao Estudo do Partido Republicano Rio-Grandense**. Porto Alegre, UFRGS. Dissertação de mestrado. PPG – Ciência Política da UFRGS, 1979.
- RAMOS, Eloísa H. Capovilla. **O Partido Republicano Rio-grandense e o poder local no litoral norte do Rio Grande do Sul (1882-1895)**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado. PPG em História - UFRGS, 1990.
- REVERBEL, Carlos. **Assis Brasil**. Porto Alegre: IEL, 1996.
- RIBEIRO, Célia. **Fernando Gomes: um mestre no século XIX**. Porto Alegre: LP & M, 2008.
- SOARES, Mozart Pereira Soares. **Júlio de Castilhos**. Porto Alegre: IEL, 1996.
- TARGA, Luiz R. (org.). **Gaúchos e Paulistas: dez escritos de história regional comparada**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1996, p. 81-92.
- VARGAS, Jonas Moreira. Os políticos de aldeia: eleições, negociações e prática política nas paróquias do Rio Grande do Sul (1868-1889). In: **VI Mostra de Pesquisa do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CORAG, 2008, p. 39-57.
- VARGAS, Jonas Moreira. A elite charqueadora de Pelotas (1850-1890): algumas notas sobre as suas estratégias familiares e a transmissão de propriedade. In: GARCIA, Graciela B. (Org.). **Anais do II Encontro do GT de História Agrária (ANPUH-RS)**. Porto Alegre, 2009, CD-ROM, p. 1-20.
- VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1868-1889)**. Santa Maria: Editora da UFSM/ Anpuh-RS, 2010.